

B

17313

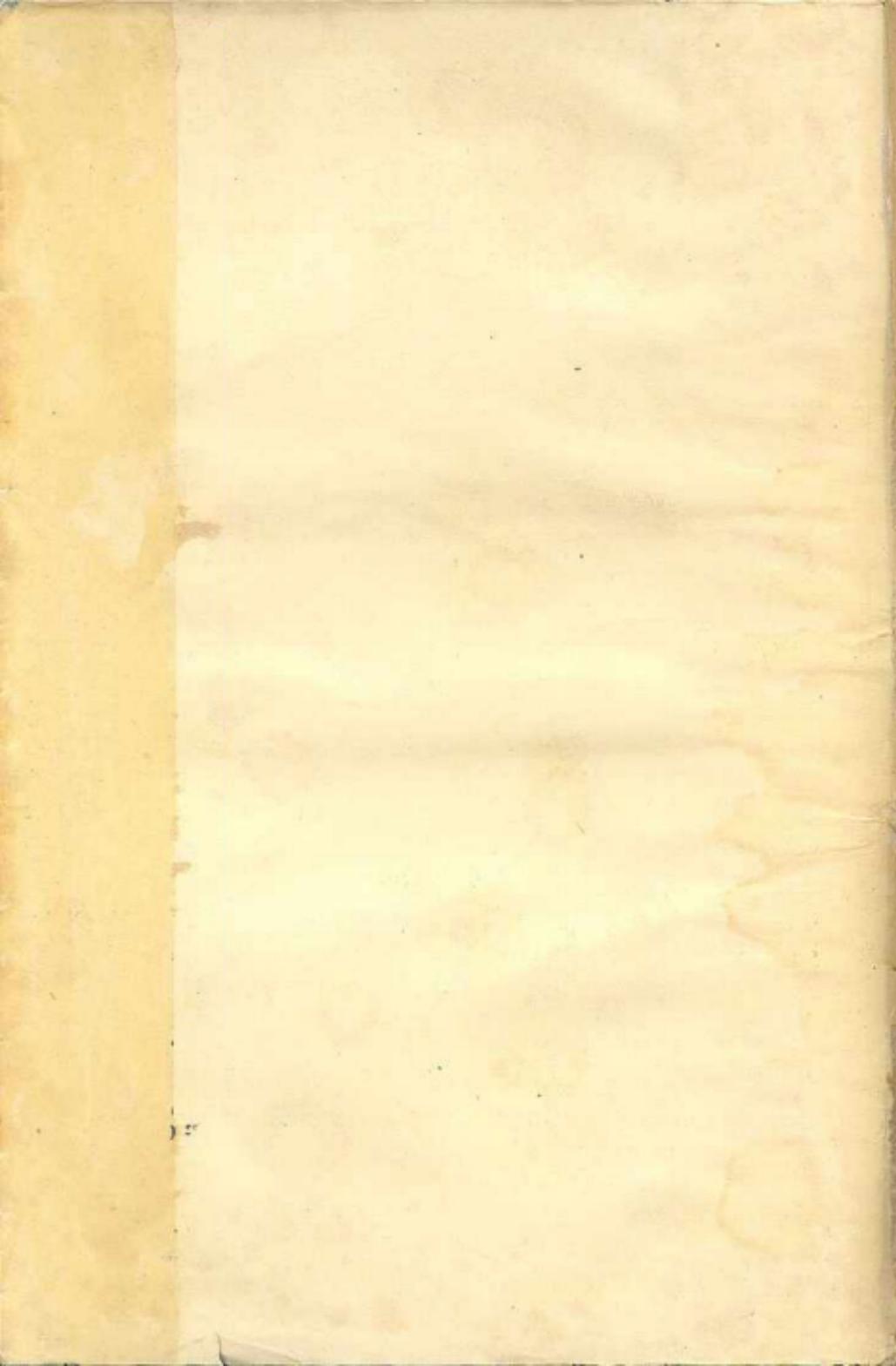
S
CHARNECA
EM FLOR

SONETOS
DE
FLORBELA ESPANCA.

SEGUNDA EDIÇÃO
COM 28 SONETOS INÉDITOS

COIMBRA
MCMXXI

DEPOSITARIA — LIVRARIA GONÇALVES — RUA S. JOÃO 60



LIVRO DE MAGOAS — 1920 (exgotado).

LIVRO DE SÓROR SAUDADE — 1923 (exgotado).





B
8173) 3

CHARNECA EM FLOR

SONETOS
DE
FLORBELA ESPANCA

SEGUNDA EDIÇÃO
com 28 sonetos inéditos



COIMBRA
MCMXXXI

LIVRARIA A. GONÇALVES
— RUA S. JOÃO, 60 —

Registada na Conservatoria da propriedade literaria
com o n.º 3. Lisboa, 19 — 1 — 931.

————— 1931 —————
IMPRESA NACIONAL
— de Jaime Vasconcelos —
204, Rua José Falcão, 206
————— PORTO —————

Amar, amar, amar, amar siempre y con todo
El ser y con la tierra y con el cielo,
Con lo claro del sol y lo oscuro del lodo.
Amar por toda ciencia y amar por todo anhelo.

Y cuando la montaña de la vida
Nos sea dura y larga, y alta, y llena de abismos,
Amar la inmensidad, que es de amor encendida,
Y arder en la fusión de nuestros pechos mismos...

RUBÉN DARÍO.

CHARNECA EM FLOR

Enche o meu peito, num encanto mago,
O frémito das coisas dolorosas...
Sob as urzes queimadas nascem rosas...
Nos meus olhos as lágrimas apago...

Anseio! Asas abertas! O que trago
Em mim? Eu oiço bôcas silenciosas
Murmurat-me as palavras misteriosas
Que perturbam meu sêr como um afago!

E, nesta febre ansiosa que me invade,
Dispo a minha mortalha, o meu burel,
E, já não sou, Amor, Soror Saudade...

Olhos a arder em êxtases de amor,
Bôca a saber a sol, a fruto, a mel:
Sou a charneca rude a abrir em flor!

VERSOS DE ORGULHO

O mundo quer-me mal porque ninguém
Tem asas como eu tenho! Porque Deus
Me fez nascer Princesa entre plebeus
Numa tôrre de orgulho e de desdém.

Porque o meu Reino fica para além...
Porque trago no olhar os vastos ceus
E os oiros e clarões são todos meus!
Porque eu sou Eu e porque Eu sou Alguem!

O mundo! O que é o mundo, ó meu Amor?
— O jardim dos meus versos todo em flor...
A seara dos teus beijos, pão bemdito...

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...
— São os teus braços dentro dos meus braços,
Via-láctea fechando o Infinito.

RÚSTICA

Ser a môça mais linda do povoado,
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,
Ver descer sôbre o ninho aconchegado
A bênção do Senhor em cada filho.

Um vestido de chita bem lavado,
Cheirando a alfazema e a tomilho...
— Com o luar matar a sêde ao gado,
Dar às pombas o sol num grão de milho...

Ser pura como a água da cisterna,
Ter confiança numa vida eterna
Quando descer à «terra da verdade»...

Meu Deus, dai-me esta calma, esta pobresa!
Dou por elas meu trôno de Princesa,
E todos os meus Reinos de Ansiedade.

REALIDADE

Em ti o meu olhar fez-se alvorada
E a minha voz fez-se gorgueio de ninho...
E a minha rubra bôca apaixonada
Teve a frescura pálida do linho...

Embriagou-me o teu beijo como um vinho
Fulvo de Espanha, em taça cinzelada...
E a minha cabeleira desatada
Poz a teus pés a sombra dum caminho...

Minhas pálpebras são côr de verbena,
Eu tenho os olhos garços, sou morena,
E para te encontrar foi que eu nasci...

Tens sido vida fora o meu desejo
E agora, que te falo, que te vejo,
Não sei se te encontrei... se te perdi...

CONTO DE FADAS

Eu trago-te nas mãos o esquecimento
Das horas más que tens vivido, Amor!
E para as tuas chagas o unguento
Com que sarei a minha própria dor.

Os meus gestos são ondas de Sorrento...
Trago no nome as letras duma flor...
Foi dos meus olhos garços que um pintor
Tirou a luz para pintar o vento...

Dou-te o que tenho: o astro que dormita,
O manto dos crepúsculos da tarde,
O sol que é de oiro, a onda que palpita.

Dou-te, comigo, o mundo que Deus fez!
— Eu sou Aquela de quem tens saudade,
A Princesa do conto: «Era uma vez...»

A UM MORIBUNDO

Não tenhas medo, não! Tranquilamente,
Como adormece a noite pelo Outôno,
Fecha os teus olhos, simples, dôcemente,
Como, à tarde, uma pomba que tem sôno...

A cabeça reclina levemente
E os braços deixa-os ir ao abandono,
Como tombam, arfando, ao sol poente,
As asas de uma pomba que tem sôno...

O que ha depois? Depois?... O azul dos ceus?
Um outro mundo? O eterno nada? Deus?
Um abismo? Um castigo? Uma guarida?

Que importa? Que te importa, ó moribundo?
— Seja o que fôr, será melhor que o mundo!
Tudo será melhor do que esta vida!...

EU

Até agora eu não me conhecia,
Julgava que era Eu e eu não era
Aquela que em meus versos descrevera
Tão clara como a fonte e como o dia.

Mas que eu não era Eu não o sabia
E, mesmo que o soubesse, o não dissera...
Olhos fitos em rútila quimera
Andava atrás de mim... e não me via!

Andava a procurar-me — pobre louca! —
E achei o meu olhar no teu olhar,
E a minha boca sôbre a tua boca!

E esta ânsia de viver, que nada acalma,
É a chama da tua alma a esbrazear
As apagadas cinzas da minha alma!

PASSEIO AO CAMPO

Meu Amor! Meu Amante! Meu Amigo!
Colhe a hora que passa, hora divina,
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina...
Pele doirada de alabastro antigo...
Frágeis mãos de madona florentina...
—Vamos correr e rir por entre o trigo!—

Ha rendas de gramíneas pelos montes...
Papoilas rubras nos trigaes maduros...
Água azulada a scintilar nas fontes...

E à volta, Amor... tornemos, nas alfombras
Dos caminhos selvagens e escuros,
Num astro só as nossas duas sombras!...

TARDE NO MAR

A tarde é de oiro rútilo: esbraseia
O horisonte: um cacto purpurino.
E a vaga esbelta que palpita e ondeia,
Com uma frágil graça de menino,

Poisa o manto de arminho na areia
E lá vai, e lá segue ao seu destino!
E o sol, nas casas brancas que incendeia,
Desenha mãos sangrentas de assassino!

Que linda tarde aberta sôbre o mar!
Vai deitando do ceu molhos de rosas
Que Apolo se entretém a desfolhar...

E, sôbre mim, em gestos palpitantes,
As tuas mãos morenas, milagrosas,
São as asas do sol, agonisantes...

SE TU VIesses VER-ME...

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,
A essa hora dos mágicos cansaços,
Quando a noite de manso se avisinha,
E me prendesses toda nos teus braços...

Quando me lembra: esse sabôr que tinha
A tua bôca... o eco dos teus passos...
O teu riso de fonte... os teus abraços...
Os teus beijos... a tua mão na minha...

Se tu viesses quando, linda e louca,
Traça as linhas dulcíssimas dum beijo
E é de sêda vermelha e canta e ri

E é como um cravo ao sol a minha bôca...
Quando os olhos se me cerram de desejo...
E os meus braços se estendem para ti...

MISTÉRIO

Gosto de ti, ó chuva, nos beirados,
Dizendo coisas que ninguém entende!
Da tua cantilena se desprende
Um sonho de magia e de pecados.

Dos teus pálidos dedos delicados
Uma alada canção palpita e ascende,
Frases que a nossa bôca não aprende,
Murmúrios por caminhos desolados.

Pelo meu rôsto branco, sempre frio,
Fazes passar o lúgubre arrepio
Das sensações estranhas, dolorosas ...

Talvez um dia entenda o teu mistério ...
Quando, inerte, na paz do cemitério,
O meu corpo matar a fome às rosas!

O MEU CONDÃO

Quis Deus dar-me o condão de ser sensível
Como o diamante à luz que o alumia,
Dar-me uma alma fantástica, impossível:
— Um bailado de côr e fantasia!

Quis Deus fazer de ti a ambrosia
Desta paixão estranha, ardente, incrível!
Erguer em mim o facho inextinguível,
Como um cinzel vincando uma agonia!

Quis Deus fazer-me tua . . . para nada!
— Vãos, os meus braços de crucificada,
Inúteis, esses beijos que te dei!

Anda! Caminha! Aonde?... Mas por onde?...
Se a um gesto dos teus a sombra esconde
O caminho de estrelas que tracei . . .

AS MINHAS MÃOS

As minhas mãos magritas, afiladas,
Tão brancas como a água da nascente,
Lembram pálidas rosas entornadas
Dum regaço de Infanta do Oriente.

Mãos de ninfa, de fada, de vidente,
Pobrezinhas em sêdas enroladas,
Virgens mortas em luz amortalhadas
Pelás próprias mãos de oiro do sol-poente.

Magras e brancas ... Foram assim feitas ...
Mãos de engeitada porque tu me engeitas ...
Tão dôces que elas são! Tão a meu gôsto!

P'ra que as quero eu—Deus!—P'ra que as quero eu?!
Ó minhas mãos, aonde está o ceu?
... Aonde estão as linhas do teu rôsto?

NOITINHA

A noite sôbre nós se debruçou ...
Minha alma ajoelha, põe as mãos e ora!
O luar, pelas colinas, nesta hora,
É água dum gomil que se entornou ...

Não sei quem tanta pérola espalhou!
Murmura alguém pelas quebradas fóra ...
Flores do campo, humildes, mesmo agora,
A noite, os olhos brandos, lhes fechou ...

Fumo beijando o colmo dos casais ...
Serenidade idílica de fontes,
E a voz dos rouxinóis nos salgueirais ...

Tranquilidade ... calma ... anoitecer ...
Num êxtase, eu escuto pelos montes
O coração das pedras a bater ...

LEMBRANÇA

Fui Essa que nas ruas esmolou
E fui a que habitou Paços Reais;
No mármore de curvas ogivais
Fui Essa que as mãos pálidas poisou ...

Tanto poeta em versos me cantou!
Fiei o linho à porta dos casais ...
Fui descobrir a India e nunca mais
Voltei! fui essa nau que não voltou ...

Tenho o perfil moreno, lusitano,
E os olhos verdes, côr do verde Oceano,
Sereia que nasceu de navegantes ...

Tudo em cinzentas brumas se dilui ...
Ah, quem me dera ser *Essas* que eu fui,
As que me lembro de ter sido... dantes!...

A NOSSA CASA

A nossa casa, Amor, a nossa casa!
Onde está ela, Amor, que não a vejo?
Na minha doida fantasia em braza
Constroi-a, num instante, o meu desejo!

Onde está ela, Amor, a nossa casa,
O bem que neste mundo mais invejo?
O brando ninho aonde o nosso beijo
Será mais puro e dôce que uma asa?

Sonho . . . que eu e tu, dois pobresinhos,
Andamos de mãos dadas, nos caminhos
Duma terra de rosas, num jardim,

Num país de ilusão que nunca vi . . .
E que eu móro — tão bom! — dentro de ti
E tu, ó meu Amor, dentro de mim . . .

MENDIGA

Na vida nada tenho e nada sou;
Eu ando a mendigar pelas estradas...
No silêncio das noites estreladas
Caminho, sem saber para onde vou!

Tinha o manto do sol... quem m'o roubou?!
Quem pisou minhas rosas desfolhadas?!
Quem foi que sôbre as ondas revoltadas
A minha taça de oiro espedaçou?!

Agora vou andando e mendigando,
Sem que um olhar dos mundos infinitos
Veja passar o verme, rastejando...

Ah, quem me dera ser como os chacais
Uivando os brados, rouquejando os gritos
Na solidão dos ermos matagais!...

SUPREMO ENLEIO

Quanta mulher no teu passado, quanta!
Tanta sombra em redor! Mas que me importa?
Se delas veio o sonho que conforta,
A sua vinda foi três vezes santa!

Erva do chão que a mão de Deus levanta,
Folhas murchas de rôjo à tua porta . . .
Quando eu fôr uma pobre coisa morta,
Quanta mulher ainda! Quanta! Quanta!

Mas eu sou a manhã: apago estrelas!
Hás de ver-me, beijar-me em todas elas,
Mesmo na bôca da que fôr mais linda!

E quando a derradeira, enfim, vier,
Nesse corpo vibrante de mulher
Será o meu que hás de encontrar ainda . . .

TOLÊDO

Diluido numa taça de oiro a arder
Tolêdo é um rubi. E hoje é só nosso!
O sol a rir... Viv'alma... Não esboço
Um gesto que me não sinta esvaecer...

As tuas mãos tateiam-me a tremer...
Meu corpo de âmbar, harmonioso e mômço
É como um jasmineiro em alvoroço
Ébrio de sol, de aroma, de prazer!

Cerro um pouco o olhar onde subsiste
Um romântico apêlo vago e mudo,
— Um grande amor é sempre grave e triste.

Flameja ao longe o esmalte azul do Tejo...
Uma tôrre ergue ao ceu um grito agudo...
Tua bôca desfolha-me num beijo...

OUTONAL

Caem as folhas mortas sôbre o lago;
Na penumbra outonal, não sei quem tece
As rendas do silêncio ... Olha, anoitece!
—Brumas longínquas do País do Vago ...

Veludos a ondear ... Mistério mago ...
Encantamento ... A hora que não esquece,
A luz que a pouco e pouco desfalece,
Que lança em mim a bênção dum afago ...

Outono dos crepúsculos doirados,
De púrpuras, damascos e brocados!
—Vestes a terra inteira de esplendor!

Outono das tardinhas silenciosas,
Das magníficas noites voluptuosas
Em que eu soluço a delirar de amor ...

SER POETA

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquem e de Alem Dôr!

É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sêde de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de setim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!

ALVORECER

A noite empalidece. Alvorecer ...
Ouve-se mais o gargalhar da fonte ...
Sôbre a cidade muda, o horisonte
É uma orquídea estranha a florescer.

Há andorinhas prontas a dizer
A missa d'alva, mal o sol desponte.
Gritos de galos soam monte em monte
Numa intensa alegria de viver.

Passos ao longe ... um vulto que se esvai ...
Em cada sombra Colombina trai ...
Anda o silêncio em volta a qu'rer falar ...

E o luar que desmaia, macerado,
Lembra, pálido, tonto, esfarrapado,
Um Pierrot, todo branco, a soluçar ...

MOCIDADE

A mocidade esplêndida, vibrante,
Ardente, extraordinária, audaciosa,
Que vê num cardo a folha duma rosa,
Na gôta de água o brilho dum diamante;

Essa que fez de mim Judeu Errante
Do espírito, a torrente caudalosa,
Dos vendavais irmã tempestuosa,
— Trago-a em mim vermelha, triunfante!

No meu sangue rubis correm dispersos:
— Chamas subindo ao alto nos meus versos,
Papoilas nos meus lábios a florir!

Ama-me doida, estonteadoramente,
Ó meu Amor! que o coração da gente
É tão pequeno ... e a vida, água a fugir ...

AMAR!

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:
É preciso canta-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi p'ra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... p'ra me encontrar...

NOSTALGIA

Nesse País de lenda, que me encanta,
Ficaram meus brocados, que despi,
E as joias que p'las aias reparti
Como outras rosas de Rainha Santa!

Tanta opala que eu tinha! Tanta, tanta!
Foi por lá que as semeei e que as perdi...
Mostrem-me esse País onde eu nasci!
Mostrem-me o Reino de que eu sou Infanta!

Ó meu País de sonho e de ansiedade,
Não sei se esta quiméra que me assombra,
É feita de mentira ou de verdade!

Quero voltar! Não sei por onde vim...
Ah! Não ser mais que a sombra duma sombra
Por entre tanta sombra igual a mim!

AMBICIOSA

Para aqueles fantasmas que passaram,
Vagabundos a quem jurei amar,
Nunca os meus braços lânguidos traçaram
O vôo dum gesto para os alcançar ...

Se as minhas mãos em garra se cravaram
Sôbre um amor em sangue a palpitar ...
— Quantas panteras bárbaras mataram
Só pelo raro gosto de matar!

Minha alma é como a pedra funerária
Erguida na montanha solitária
Interrogando a vibração dos ceus!

O amor dum homem? — Terra tão pisada!
Gôta de chuva ao vento baloiçada ...
Um homem? — Quando eu sonho o amor dum deus!...

CRUCIFICADA

Amiga . . . noiva . . . irmã . . . o que quiseres!
Por ti, todos os ceus terão estrelas,
Por teu amor, mendiga, hei-de merecê-las,
Ao beijar a esmola que me deres.

Podes amar até outras mulheres!
— Hei-de compôr, sonhar palavras belas,
Lindos versos de dôr só para elas,
Para em lânguidas noites lhes dizeres!

Crucificada em mim, sôbre os meus braços,
Hei-de poisar a bôca nos teus passos
P'ra não serem pisados por ninguém.

E depois . . . Ah! depois de dores tamanhas,
Nascerás outra vez de outras entranhas,
Nascerás outra vez de uma outra Mãe!

ESPERA...

Não me digas adeus, ó sombra amiga,
Abranda mais o ritmo dos teus passos;
Senté o perfume da paixão antiga,
Dos nossos bons e cândidos abraços!

Sou a dona dos misticos cansaços,
A fantástica e extranha rapariga
Que um dia ficou prêsa nos teus braços ...
Não vás ainda embora, ó sombra amiga!

Teu amor fez de mim um lago triste:
Quantas ondas a rir que não lhe ouviste,
Quanta canção de ondinas lá no fundo!

Espera... espera... ó minha sombra amada...
Vê que p'ra além de mim já não há nada
E nunca mais me encontras neste mundo!...

INTERROGAÇÃO

Neste tormento inútil, neste empenho
De tornar em silêncio o que em mim canta,
Sobem-me roucos brados à garganta
Num clamor de loucura que contenho.

Ó alma da charneca sacrosanta,
Irmã da alma rútila que eu tenho,
Dize para onde vou, donde é que venho
Nesta dôr que me exalta e me alevanta!

Visões de mundos novos, de infinitos,
Cadências de soluços e de gritos,
Fogueira a esbrazear que me consome!

Dize que mão é esta que me arrasta?
Nódoa de sangue que palpita e alastra...
Dize de que é que eu tenho sêde e fome?!

VOLÚPIA

No divino impudor da mocidade,
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,
Num frémito vibrante de ansiedade,
Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...
A nuvem que arrastou o vento norte...
— Meu corpo! Trago nele um vinho forte:
Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dalias vermelhas no regaço...
São os dedos do sol quando te abraço,
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos
Vão-te envolvendo em círculos dantescos
Felinamente, em voluptuosas danças...

FILTRO

Meu Amor, não é nada:— Sons marinhos
Numa concha vasia, chôro errante...
Ah, olhos que não choram! Pobrezinhos...
Não ha luz neste mundo que os levante!

Eu andarei por ti os maus caminhos
E as minhas mãos, abertas a diamante,
Hão-de crucificar-se nos espinhos
Quando o meu peito fôr o teu mirante!

Para que corpos vís te não desejem,
Hei-de dar-te o meu corpo, e a bôca minha
P'ra que bôcas impuras te não beijem!

Como quem roça um lago que sonhou,
Minhas cançadas asas de andorinha
Hão de prender-te todo num só vôo...

MAIS ALTO

Mais alto, sim! mais alto, mais além
Do sonho, onde morar a dôr da vida,
Até sair de mim! Ser a Perdida,
A que se não encontra! Aquela a quem

O mundo não conhece por Alguem!
Ser orgulho, ser águia na subida,
Até chegar a ser, entontecida,
Aquela que sonhou o meu desdém!

Mais alto, sim! Mais alto! A Intangível!
Turris Ebúrnea erguida nos espaços,
À rutilante luz dum impossível!

Mais alto, sim! Mais alto! Onde couber
O mal da vida dentro dos meus braços,
Dos meus divinos braços de Mulher!

NERVOS DOIRO

Meus nervos, guisos de oiro a tilintar
Cantam-me n'alma a estranha sinfonia
Da volúpia, da mágua e da alegria,
Que me faz rir e que me faz chorar!

Em meu corpo fremente, sem cessar,
Agito os guisos de oiro da folia!
A Quimera, à Loucura, a Fantasia,
Num rubro turbilhão sinto-As passar!

O coração, numa imperial oferta,
Ergo-o ao alto! E, sôbre a minha mão,
É uma rosa de púrpura, entreaberta!

E em mim, dentro de mim, vibram dispersos,
Meus nervos de oiro, explêndidos, que são
Toda a Arte suprema dos meus versos!

A VOZ DA TÍLIA

Diz-me a tília a cantar: «Eu sou sincera,
Eu sou isto que vês: o sonho, a graça,
Deu ao meu corpo, o vento, quando passa,
Este ar escultural de bayadera ...»

E de manhã o sol é uma cratera,
Uma serpente de oiro que me enlaça ...
Trago nas mãos as mãos da primavera ...
E é para mim que em noites de desgraça

Toca o vento Mozart, triste e solene,
E à minha alma vibrante, posta a nú,
Diz a chuva sonetos de Verlaine ...»

E, ao ver-me triste, a tília murmurou:
«Já fui um dia poeta como tu ...
Ainda hás de ser tília como eu sou ...»

NÃO SER

Quem me dera voltar à inocência
Das coisas brutas, sãs, inanimadas,
Despir o vão orgulho, a incoerência:
— Mantos rôtos de estátuas mutiladas!

Ah! Arrancar às carnes laceradas
Seu mísero segredo de consciência!
Ah! poder ser apenas florescência
De astros em puras noites deslumbradas!

Ser nostálgico choupo ao entardecer,
De ramos graves, plácidos, absortos
Na mágica tarefa de viver!

Ser haste, seiva, ramaria inquieta,
Erguer ao sol o coração dos mortos
Na urna de oiro duma flor aberta!...

?

Quem fez ao sapo o leite carmezim
De rosas desfolhadas à noitinha?
E quem vestiu de monja a andorinha,
E perfumou as sombras do jardim?

Quem cinzelou estrelas no jasmim?
Quem deu esses cabelos de rainha
Ao girasol? Quem fez o mar? E a minha
Alma a sangrar? Quem me creou a mim?

Quem fez os homens e deu vida aos lóbos?
Santa Terêsa em místicos arroubos?
Os monstros? E os profetas? E o luar?

Quem nos deu asas para andar de rastros?
Quem nos deu olhos para ver os astros
— Sem nos dar braços para os alcançar?

IN MEMORIAM

AO MEU MORTO QUERIDO

Na cidade de Assis, «Il Poverello»
Santo, três vezes santo, andou prègando
Que o sol, a terra, a flor, o rocio brando,
Da pobrêsa o tristíssimo flagelo,

Tudo quanto há de vil, quanto há de belo,
Tudo era nosso irmão! — E assim sonhando,
Pelas estradas da Umbria foi forjando
Da cadeia do amor o maior élo!

«Olha o nosso irmão Sol, nossa irmã Água...»
Ah, Poverello! Em mim, essa lição
Perdeu-se como vela em mar de mágua

Batida por furiosos vendavais!
— Eu fui na vida a irmã dum só Irmão,
E já não sou a irmã de ninguem mais!

ÁRVORES DO ALENTEJO

AO PROF. GUIDO BATTELLI

Horas mortas... Curvada aos pés do Monte
A planície é um brasido... e, torturadas,
As árvores sangrentas, revoltadas,
Gritam a Deus a bênção duma fonte!

E quando, manhã alta, o sol posponte
A oiro a giesta, a arder, pelas estradas,
Esfíngicas, recortam desgrenhadas
Os trágicos perfís no horisonte!

Árvores! Corações, almas que choram,
Almas iguais à minha, almas que imploram
Em vão remédio para tanta mágua!

Árvores! Não choreis! Olhai e vêde:
— Também ando a gritar, morta de sêde,
Pedindo a Deus a minha gôta de água!

QUEM SABE?...

AO ANGELO

Queria tanto saber porque sou Eu!
Quem me engeitou neste caminho escuro?
Queria tanto saber porque seguro
Nas minhas mãos o bem que não é meu!

Quem me dirá se, lá no alto, o ceu
Também é para o mau, para o perjuro?
Para onde vai a alma que morreu?
Queria encontrar Deus! Tanto o procuro!

A estrada de Damasco, o meu caminho,
O meu bordão de estrelas de cèguinho,
Água da fonte de que estou sedenta!

Quem sabe se êste anseio de Eternidade,
A tropeçar na sombra, é a Verdade,
É já a mão de Deus que me acalenta?

A MINHA PIEDADE

A BOURBON E MENÊSES

Tenho pena de tudo quanto lida
Neste mundo, de tudo quanto sente,
Daquele a quem mentiram, de quem mente,
Dos que andam pés descalços pela vida,

Da rocha altiva, sôbre o monte erguida,
Olhando os ceus ignotos frente a frente,
Dos que não são iguais à outra gente,
E dos que se ensangentam na subida!

Tenho pênna de mim ... pênna de ti ...
De não beijar o riso duma estrela ...
Pênna dessa má hora em que nasci ...

De não ter asas para ir ver o ceu ...
De não ser Esta... a Outra... e mais Aquela...
De ter vivido e não ter sido Eu ...



SOU EU!

A LAURA CHAVES

Pelos campos em fóra, pelos combros,
Pelos montes que embalam a manhã,
Largo os meus rubros sonhos de pagã,
Enquanto as aves poisam nos meus ombros...

Em vão me sepultaram entre escombros
De catedrais duma escultura vã!
Olha-me o loiro sol tonto de assombros,
E as nuvens, a chorar, chamam-me irmã!

Écos longínquos de ondas... de universos...
Écos dum mundo... dum distante Além,
Donde eu trouxe a magia dos meus versos!

Sou eu! Sou eu! A que nas mãos anciosas
Prendeu da vida, assim como ninguém,
Os maus espinhos sem tocar nas rosas!

PANTEÍSMO

Ao BOTTO DE CARVALHO

Tarde de braza a arder, sol de verão
Cingindo, voluptuoso, o horizonte...
Sinto-me luz e côr, ritmo e clarão
Dum verso triunfal de Anacreonte!

Vejo-me asa no ar, erva no chão,
Oíço-me gôta de água a rir, na fonte,
E a curva altiva e dura do Marão
É o meu corpo transformado em monte!

E de braços na terra penso e scismo
Que, neste meu ardente panteísmo,
Nos meus sentidos postos, e absortos

Nas coisas luminosas deste mundo,
A minha alma é o túmulo profundo
Onde dormem, sorrindo, os deuses mortos!

POBRE DE CRISTO

A JOSÉ EMÍDIO AMARO

Ó minha terra na planície rasa,
Branca de sol e cal e de luar,
Minha terra que nunca viste o mar,
Onde tenho o meu pão e a minha casa.

Minha terra de tardes sem uma asa,
Sem um bater de folha..., a dormirar...
Meu anel de rubis a flamejar,
Minha terra moirisca a arder em brasa!

Minha terra onde meu irmão nasceu,
Aonde a mãe que eu tive e que morreu
Foi môça e loira, amou e foi amada!

Truz... truz... truz... — Eu não tenho onde me acoite,
Sou um pobre de longe, é quasi noite,
Terra, quero dormir, dá-me pousada!...

A UMA RAPARIGA

À NICE

Abre os olhos e encara a vida! A sina
Tem que cumprir-se! Alarga os horisontes!
Por sôbre lamaçais alteia pontes
Com tuas mãos preciosas de menina.

Nessa estrada da vida que fascina
Caminha sempre em frente, além dos montes!
Morde os frutos a rir! Bebe nas fontes!
Beija aqueles que a sorte te destina!

Trata por tu a mais longínqua estrela,
Escava com as mãos a própria cova-
E depois, a sorrir, deita-te nela!

Que as mãos da terra façam, com amor,
Da graça do teu corpo, esguia e nova,
Surgir à luz a haste duma flor!...

MINHA CULPA

A ARTUR LEDESMA

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem
Quem sou? Um fôgo-fátuo, uma miragem...
Sou um reflexo... um canto de paisagem
Ou apenas cenário! Um vae-vem

Como a sorte: hoje aqui, depois além!
Sei lá quem sou? Sei lá! Sou a roupagem
Dum doido que partiu numa romagem
E nunca mais voltou! Eu sei lá quem!...

Sou um verme que um dia quis ser astro...
Uma estátua truncada de alabastro...
Uma chaga sangrenta do Senhor...

Sei lá quem sou?! Sei lá! Cumprindo os fados,
Num mundo de maldades e pecados,
Sou mais um mau, sou mais um pecador...

TEUS OLHOS

Olhos do meu Amor! Infantes loiros
Que trazem os meus prêsos, endoidados!
Neles deixei, um dia, os meus tesoiros:
Meus aneis, minhas rendas, meus brocados.

Neles ficaram meus palácios moiros,
Meus carros de combate, destroçados,
Os meus diamantes, todos os meus oiros
Que trouxe d'Além-Mundos ignorados!

Olhos do meu Amor! Fontes... cisternas...
Enigmáticas campas medievais...
Jardins de Espanha... catedraes eternas...

Bêrço vindo do céu à minha porta...
Ó meu leito de núpcias irreais!...
Meu sumptuoso túmulo de morta!...

He hum não querer mais que bem querer.

CAMÕES



I

Gosto de ti apaixonadamente,
De ti que és a victoria, a salvação,
De ti que me trouxeste pela mão
Até ao brilho desta chama quente.

A tua linda voz de agua corrente
Ensinou-me a cantar... e essa canção
Foi ritmo nos meus versos de paixão,
Foi graça no meu peito de descrente.

Bordão a amparar minha cegueira,
Da noite negra o mágico farol,
Cravos rubros a arder numa fogueira!

E eu, que era neste mundo uma vencida,
Ergo a cabeça ao alto, encaro o sol!
—Águia real, apontas-me a subida!

II

Meu Amor, meu Amado, vê... repara:
Poisa os teus lindos olhos de oiro em mim,
— Dos meus beijos de amor Deus fez-me avara
Para nunca os contares até ao fim.

Meus olhos teem tons de pedra rara,
— É só para teu bem que os tenho assim —
E as minhas mãos são fontes de agua clara
A cantar sôbre a sêde dum jardim.

Sou triste como a fôlha ao abandono
Num parque solitário, pelo Outono,
Sôbre um lago onde vogam nenufares...

Deus fez-me atravessar o teu caminho...
— Que contas dás a Deus indo sosinho,
Passando junto a mim, sem me encontrares? —

III

Frémito do meu corpo a procurar-te,
Febre das minhas mãos na tua pele
Que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,
Doido anseio dos meus braços a abraçar-te,

Olhos buscando os teus por toda a parte,
Sêde de beijos, amargor de fel,
Estonteante fome, áspera e cruel,
Que nada existe que a mitigue e a farte!

E vejo-te tão longe! Sinto a tua alma
Junto da minha, uma lagôa calma,
A dizer-me, a cantar que me não amas...

E o meu coração que tu não sentes,
Vai boiando ao acaso das correntes,
Esquife negro sôbre um mar de châmas...

IV

És tu! és tu! Sempre vieste, enfim!
Oíço de novo o riso dos teus passos!
És tu que eu vejo a estender-me os braços
Que Deus creou p'ra me abraçar a mim!

Tudo é divino e santo visto assim...
Foram-se os desalentos, os cansaços...
O mundo não é mundo: é um jardim!
Um céu aberto: longes, os espaços!

Prende-me tôda, Amor, prende-me bem!
Que vês tu em redor? Não há ninguém!
A terra?—Um astro morto que flutua...

Tudo o que é chama a arder, tudo o que sente,
Tudo o que é vida e vibra eternamente
É tu seres meu, Amor, e eu ser tua!

V

Dize-me, Amor, como te sou querida,
Conta-me a glória do teu sonho eleito,
Aninha-me a sorrir junto ao teu peito,
Arranca-me dos pântanos da vida.

Embragada numa estranha lida,
Trago nas mãos o coração desfeito,
Mostra-me a luz, ensina-me o preceito
Que me salve e levante redimida!

Nesta negra cisterna em que me afundo,
Sem quimeras, sem crenças, sem ternura,
Agonia sem fé dum moribundo,

Grito o teu nome numa sêde estranha,
Como se fosse, Amor, toda a frescura
Das cristalinas águas da montanha!

VI

Falo de ti às pedras das estradas,
E ao sol que é loiro como o teu olhar,
Falo ao rio, que desdobra a faiscar,
Vestidos de Princesas e de Fadas;

Falo às gaivotas de asas desdobradas,
Lembrando lenços brancos a acenar,
E aos mastros que apunham o luar
Na solidão das noites consteladas;

Digo os anseios, os sonhos, os desejos
Donde a tua alma, tonta de victoria,
Levanta ao céu a torre dos meus beijos!

E os meus gritos de amor, crusando o espaço,
Sobre os brocados fúlgidos da glória,
São astros que me tombam do regaço!

VII

São mortos os que nunca acreditaram
Que esta vida é sómente uma passagem,
Um atalho sombrio, uma paisagem
Onde os nossos sentidos se poisaram.

São mortos os que nunca alevantaram
Dentre escombros a Torre de Menagem
Dos seus sonhos de orgulho e de coragem,
E os que não riram e os que não choraram.

Que Deus faça de mim, quando eu morrer,
Quando eu partir para o País da Luz,
A sombra calma dum entardecer,

Tombando, em dôces pregas de mortalha,
Sôbre o teu corpo heroico, posto em cruz,
Na solidão dum campo de batalha!

VIII

Abriu os olhos, procurar a luz,
De coração erguido ao alto, em chama,
Que tudo neste mundo se reduz
A ver os astros scintilar na lama!

Amar o sol da glória e a voz da fama
Que em clamorosos gritos se traduz!
Com misericórdia, amar quem nos não ama,
E deixar que nos preguem numa cruz!

Sôbre um sonho desfeito erguer a torre
Doutro sonho mais alto e, se esse morre,
Mais outro e outro ainda, toda a vida!

Que importa que nos vençam desenganos,
Se pudermos contar os nossos anos
Assim como degraus duma subida?

IX

Perdi os meus fantásticos castelos
Como névoa distante que se esfuma...
Quiz vencer, quiz lutar, quiz defendê-los:
Quebrei as minhas lanças uma a uma!

Perdi minhas galeras entre os gêlos
Que se afundaram sobre um mar de bruma...
—Tantos escolhos! Quem podia vê-los?—
Deitei-me ao mar e não salvei nenhuma!

Perdi a minha taça, o meu anel,
A minha cota de aço, o meu corcel,
Perdi meu elmo de oiro e pedrarias...

Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...
Sobre o meu coração pesam montanhas...
Olho assombrada as minhas mãos vãs...

X

Eu queria mais altas as estrelas,
Mais largo o espaço, o sol mais creador,
Mais refulgente a lua, o mar maior,
Mais cavadas as ondas e mais belas;

Mais amplas, mais rasgadas as janelas
Das almas, mais rosaes a abrir em flor,
Mais montanhas, mais azas de condor,
Mais sangue sôbre a cruz das caravelas!

E abrir os braços e viver a vida,
— Quanto mais funda e lúgubre a descida
Mais alta é a ladeira que não cansa!

E, acabada a tarefa... em paz, contente,
Um dia adormecer, serenamente,
Como dorme no berço uma creança!

RELIQUIÆ

Os sonetos que vão lêr-se foram coligidos depois da morte da Autora. São mais ou menos da mesma época dos que se publicam antes, na coleção que ela intitulou « CHARNECA EM FLOR ».

A Autora guardou-os, não os mandando para serem impressos com os anteriores, por tencionar modificar alguns, como se vê dos originais, e por lhe parecer que a coleção enviada já era bastante grande. Viriam a fazer parte dum novo livro.

Na primeira edição da « CHARNECA EM FLOR », que como se sabe foi postuma, quiz-se respeitar a sua vontade, incluindo só os sonetos que Ela tinha indicado, porém agora entendeu o editor dever publicar os inéditos nesta segunda edição, parecendo-lhe que é neste livro mesmo o seu logar mais adequado.

GUIDO BATTELLI.

EVORA

AO AMIGO VINDO DA LUMINOSA ITALIA,
A MINHA CIDADE, COMO EU SOTURNA
E TRISTE...

Evora! Ruas ermas sob os ceus
Côr de violetas rôxas... Ruas frades
Pedindo em triste penitencia a Deus
Que nos perdoe as míseras vaidades!

Tenho corrido em vão tantas cidades!
E só aqui recordo os beijos teus,
E só aqui eu sinto que são meus
Os sonhos que sonhei noutras edades!

Evora!... O teu olhar... o teu perfil...
Tua bôca sinuosa, um mez de Abril,
Que o coração no peito me alvoroça!

... Em cada viela o vulto dum fantasma...
E a minh'alma soturna escuta e pasma...
E sente-se passar *menino-e-moça*...

À JANELA DE GARCIA DE REZENDE

Janela antiga sobre a rua plana ...
Ilumina-a o luar com seu clarão ...
Dantes, a descansar de luta insana,
Fui, talvez, flor no poético balcão ...

Dantes! Da minha gloria altiva e ufana,
Talvez ... Quem sabe? ... Tonto de ilusão,
Meu rude coração de alentejana
Me palpitasse ao luar nesse balcão ...

Mística dona, em outras primaveras,
Em refulgentes horas de outras eras,
Vi passar o cortejo ao sol doirado ...

Bandeiras! Pagens! O pendão real!
E na tua mão, vermelha, triunfal,
Minha divisa: um coração chagado! ...

O MEU IMPOSSÍVEL

Minh'alma ardente é uma fogueira acêsa,
É um brasido enorme a crepitar!
Ansia de procurar sem encontrar
A chama onde queimar uma incerteza!

Tudo é vago e incompleto! E o que mais pesa
É nada ser perfeito. É deslumbrar
A noite tormentosa até cegar,
E tudo ser em vão! Deus, que tristeza!...

Aos meus irmãos na dôr já disse tudo
E não me compreenderam!... Vão e mudo
Foi tudo o que entendi e o que presinto...

Mas se eu pudesse, a mágua que em mim chora,
Contar, não a chorava como agora,
Irmãos, não a sentia como a sinto!...

EM VÃO

Passo triste na vida e triste sou
Um pobre a quem jamais quizeram bem!
Um caminhante exausto que passou,
Que não diz onde vai nem donde vem.

Ah! Sem piedade, a rir, tanto desdem
A flor da minha bôca desdenhou!
Solitario convento onde ninguem
A silenciosa cela procurou!

E eu quero bem a tudo, a toda a gente! . . .
Ando a amar assim, perdidamente,
A acalantar o mundo nos meus braços!

E tem passado, em vão, a mocidade
Sem que no meu caminho uma saudade
Abra em flores a sombra dos meus passos!

VOZ QUE SE CALA

Amo as pedras, os astros e o luar
Que beija as ervas do atalho escuro,
Amo as águas de anil e o dôce olhar
Dos animaes, divinamente puro.

Amo a hera que entende a voz do muro,
E dos sapos, o brando tilintar
De cristaes que se afagam de vagar,
E da minha charneca o rôsto duro.

Amo todos os sonhos que se calam
De corações que sentem e não falam,
Tudo o que é Infinito e pequenino!

Asa que nos protege a todos nós!
Soluço imenso, eterno, que é a voz
Do nosso grande e mísero Destino!...

PARA QUÊ?

AO VELHO AMIGO JOÃO

Para quê ser o musgo do rochêdo
Ou urze atormentada da montanha?
Se a arranca a ansiedade e o mêdo
E este enleio e esta angústia estranha

E todo este feitiço e este enrêdo
Do nosso próprio peito? E é tamanha
E tão profunda a gente que o segrêdo
Da vida como um grande mar nos banha?

P'ra que ser asa quando a gente vôa
De que serve ser cântico se entôa
Toda a canção de amor do Universo?

Para quê ser altura e ansiedade,
Se se pode gritar uma Verdade
Ao mundo vão nas sílabas dum verso?

SONHO VAGO

Um sonho alado que nasceu um instante,
Erguido ao alto em horas de demencia ...
Gotas de agua que tombam em cadencia
Na minh'alma tristissima, distante ...

Onde está ele o Desejado? O Infante?
O que ha de vir e amar-me em doída ardencia?
O das horas de mágua e penitencia?
O Principe Encantado? O Eleito? O Amante?

E neste sonho eu já nem sei quem sou ...
O brando marulhar dum longo beijo
Que não chegou a dar-se e que passou ...

Um fogo fátuo rútilo, talvez ...
E eu ando a procurar-te e já te vejo! ...
E tu já me encontraste e não me vês! ...

PRIMAVERA

É primavera agora, meu Amor!
O campo despe a veste de estamena;
Não ha árvore nenhuma que não tenha
O coração aberto, todo em flor!

Ah! Deixa-te vogar, calmo, ao sabôr
Da vida... não ha bem que nos não venha
Dum mal que o nosso orgulho em vão desdenha!
Não ha bem que não possa ser melhor!

Tambem despi meu triste burel pardo,
E agora cheiro a rosmaninho e a nardo
E ando agora tonta, à tua espera...

Puz rosas côr de rosa em meus cabelos...
Parecem um rosal! Vem desprendê-los!
Meu Amor, meu Amor, é Primavera!...

BLASFÊMIA

Silêncio, meu Amor, não digas nada!
Cai a noite nos longes donde vim...
Toda eu sou alma e amor, sou um jardim,
Um pátio alucinante de Granada!

Dos meus cílios a sombra enluarada,
Quando os teus olhos descem sôbre mim,
Traça trémulas hastes de jasmim
Na palidez da face extasiada!

Sou no teu rosto a luz que o alumia,
Sou a expressão das tuas mãos de raça,
E os beijos que me dás já foram meus!

Em ti sou Glória, Altura e Poesia!
E vejo-me—milagre cheio de graça!—
Dentro de ti, em ti igual a Deus!...

O TEU OLHAR

Passam no teu olhar nobres cortejos,
Frotas, pendões ao vento sobranceiros,
Lindos versos de antigos romanceiros,
Ceus do Oriente, em braza, como beijos,

Mares onde não cabem teus desejos;
Passam no teu olhar mundos inteiros,
Todo um povo de herois e marinheiros,
Lanças núas em rútilos lampejos;

Passam lendas e sonhos e milagres!
Passa a India, a visão do Infante em Sagres,
Em scentelhas de crença e de certeza!

E ao sentir-te tão grande, ao ver-te assim,
Amor, julgo trazer dentro de mim
Um pedaço da terra portuguesa!

Outubro, 1930.

NOITE DE CHUVA

Chuva... Que gôtas grossas!... Vem ouvir:
Uma... duas... mais outra que desceu...
É Viviana, é Melusina a rir,
São rosas brancas dum rosal do ceu...

Os lilases deixaram-se dormir...
Nem um frémito... a terra emudeceu...
Amor! Vem ver estrelas a caír:
Uma... duas... mais outra que desceu...

Fala baixo, juntinho ao meu ouvido,
Que essa fala de amor seja um gemido,
Um murmúrio, um soluço, um ai desfeito...

Ah, deixa à noite o seu encanto triste!
E a mim... o teu amor que mal existe,
Chuva a caír na noite do meu peito!

TARDE DE MÚSICA

Só Schumann, meu Amor! Serenidade...
Não assustes os sonhos... Ah, não varras
As quimeras... Amor, senão esbarras
Na minha vaga imaterialidade...

Liszt, agora, o brilhante; o piano arde...
Beijos alados... écos de fanfarras...
Pétalas dos teus dedos feitos garras...
Como cai em pó de oiro o ar da tarde!

Eu olhava para ti... «é lindo! Ideal!»
Gemeram nossas vozes confundidas.
—Havia rosas côr de rosa aos molhos—

Falavas de Liszt e eu... da musical
Harmonia das pálpebras descidas,
Do ritmo dos teus cílios sôbre os olhos...

CHOPIN

Não se acende hoje a luz... Todo o luar
Fique lá fóra. Bem Aparecidas
As estrelas miudinhas, dando no ar
As voltas dum cordão de margaridas!

Entram falênas meio entontecidas...
Lusco-fusco... um morcêgo a palpitar,
Passa... torna a passar... torna a passar...
As coisas tem o ar de adormecidas...

Mansinho... Roça os dedos p'lo tèclado,
No vago arfar que tudo alteia e doira,
Alma, Sacrário de Almas, meu Amado!

E, enquanto o piano a dôce queixa exala,
Divina e triste, a grande sombra loira,
Vem para mim da escuridão da sala...

O MEU DESEJO

Vejo-te só a ti no azul dos ceus,
Olhando a nuvem de oiro que flutua...
Ó minha perfeição que creou Deus
E que num dia lindo me fez sua!

Nos vultos que diviso pela rua,
Que cruzam os seus passos com os meus...
Minha bôca tem fome só da tua!
Meus olhos teem sêde só dos teus!

Sombra da tua sombra, dôce e calma,
Sou a grande quiméra da tua alma
E, sem viver, ando a viver contigo...

Deixa-me andar assim no teu caminho
Por toda a vida, Amor, devagarinho,
Até a morte me levar consigo...

ESCRAVA

Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor,
Eu te saúdo, olhar do meu olhar,
Fala da minha bôca a palpar,
Gesto das minhas mãos tontas de amor!

Que te seja propício o astro e a flor,
Que a teus pés se incline a terra e o mar,
P'los séculos dos séculos sem par,
Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor!

Eu, dôce e humilde escrava, te saúdo,
E, de mãos postas, em sentida prece,
Canto teus olhos de oiro e de veludo.

Ah, êsse verso imenso de ansiedade,
Êsse verso de amor que te fizesse
Ser eterno por toda a Eternidade!...

DIVINO INSTANTE

Ser uma pobre morta inerte e fria,
Hierática, deitada sob a terra,
Sem saber se no mundo ha paz ou guerra,
Sem ver nascer, sem ver morrer o dia,

Luz apagada ao alto e que alumia,
Bôca fechada à fala que não erra,
Urna de bronze que a Verdade encerra,
Ah! ser Eu essa morta inerte e fria!

Ah, fixar o efémero! êsse instante
Em que o teu beijo sôfrego de amante
Queima o meu corpo frágil de âmbar loiro;

Ah, fixar o momento em que, dolente,
Tuas pálpebras descem, lentamente,
Sôbré a vertigem dos teus olhos de oiro!

SILÊNCIO!...

No fadário que é meu, neste penar,
Noite alta, noite escura, noite morta,
Sou o vento que geme e quer entrar,
Sou o vento que vai bater-te à porta ...

Vivo longe de ti, mas que me importa?
Se eu já não vivo em mim! Ando a vaguear
Em roda à tua casa, a procurar
Beber-te a voz, apaixonada, absorta!

Estou junto de ti e não me vês ...
Quantas vezes no livro que tu lêes
Meu olhar se poisou e se perdeu!

Trago-te como um filho nos meus braços!
E na tua casa... Escuta!... Uns leves passos...
Silêncio, meu Amor!... Abre! Sou eu!...

O MAIOR BEM

Êste querer-te bem sem me queres,
Êste sofrer por ti constantemente,
Andar atrás de ti sem tu me vêres
Faria piedade a toda a gente.

Mesmo a beijar-me a tua bôca mente . . .
Quantos sangrentos beijos de mulheres
Poisa na minha a tua bôca ardente,
E quanto engano nos seus vãos dizeres! . . .

Mas que me importa a mim que me não queiras,
Se esta pena, esta dôr, estas canseiras,
Êste mísero pungir, árduo e profundo

Do teu frio desamor, dos teus desdens,
Ê, na vida, o mais alto dos meus bens?
Ê tudo quanto eu tenho neste mundo?

OS MEUS VERSOS

Rasga esses versos que eu te fiz, Amor!
Deita-os ao nada, ao pó, ao esquecimento,
Que a cinza os cubra, que os arraste o vento,
Que a tempestade os leve aonde fôr!

Rasga-os na mente, se os souberes de cór,
Que volte ao nada o nada dum momento!
Julguei-me grande pelo sentimento,
E pelo orgulho ainda sou maior!...

Tanto verso já disse o que eu sonhei!
Tantos penaram já o que eu penei!
Azas que passam, todo o mundo as sente...

Rasga os meus versos... Pobre endoidecida!
Como se um grande amor cá nesta vida
Não fosse o mesmo amor de toda a gente!...

AMOR QUE MORRE

O nosso amor morreu . . . Quem o diria!
Quem o pensára mesmo ao ver-me tonta,
Ceguinha de te ver, sem ver a conta
Do tempo que passava, que fugia!

Bem estava a sentir que êle morria . . .
E outro clarão, ao longe, já desponta!
Um engano que morre . . . e logo aponta
A luz doutra miragem fugidia . . .

Eu bem sei, meu Amor, que p'ra viver
São precisos amores, p'ra morrer
E são precisos sonhos p'ra partir.

Eu bem sei, meu Amor, que era preciso
Fazer do amor que parte o claro riso
Doutro amor impossivel que há de vir!

SÔBRE A NEVE

Sôbre mim, teu desdem, pesado jaz
Como um manto de neve . . . Quem dissera
Porque tombou em plena primavera
Toda essa neve que o inverno traz!

Coroavas-me inda há pouco de lilás
E de rosas silvestres . . . quando eu era
Aquela que o Destino prometera
Aos teus rútilos sonhos de rapaz!

Dos beijos que me deste não te importas,
Asas paradas de andorinhas mortas . . .
Fôlhas de outôno em correria louca . . .

Mas inda um dia, em mim, ébrio de côr,
Há de nascer um roseiral em flor
Ao sol de primavera doutra bôca!

EU NÃO SOU DE NINGUEM...

.....
.....
.....
.....

Eu não sou de ninguém! . . . Quem me quiser
Há de ser luz do sol em tardes quentes;
Nos olhos de água clara há de trazer
As fúlgidas pupilas dos videntes!

Há de ser seiva no botão repleto,
Voz no murmúrio do pequeno insecto,
Vento que enfuna as velas sôbre os mastros! . . .

Há de ser Outro e Outro num momento!
Fôrça viva, brutal, em movimento,
Astro arrastando catadupas de astros!

VÃO ORGULHO

Neste mundo vaidoso o amor é nada,
É um orgulho a mais, outra vaidade,
A corôa de loiros desfolhada
Com que se espera a Imortalidade.

Ser Beatriz! Natércia! Irrealidade...
Mentira... Engano de alma desvairada...
Onde está dêses braços a verdade,
Essa fogueira em cinzas apagadas?...

Mentira! Não te quis... não me quiseste...
Eflúvios subtís dum bem celeste?
Gestos... palavras sem nenhum condão...

Mentira! Não fui tua... não! Sómente...
Quis ser mais do que sou, mais do que gente,
No alto orgulho de o ter sido em vão!...

ÚLTIMO SONHO DE «SÓROR SAUDADE»

ÁQUELE QUE SE PERDERA NO CAMINHO...

Sóror Saudade abriu a sua cela ...
E, num encanto que ninguém traduz,
Despiu o manto negro que era dela,
Seu vestido de noiva de Jesus.

E a noite escura, extasiada, ao vê-la,
As brancas mãos no peito quasi em cruz,
Teve um brilhar feérico de estrela
Que se esfolhasse em pétalas de luz!

Sóror Saudade olhou ... Que olhar profundo
Que sonha e espera? ... Ah! como é feio o mundo,
E os homens vãos! — Então, devagarinho,

Sóror Saudade entrou no seu convento ...
E, até morrer, resou, sem um lamento,
Por *Um* que se perdera no caminho! ...

ESQUECIMENTO



Êsse de quem eu era e que era meu,
Que foi um sonho e foi realidade,
Que me vestiu a alma de saudade,
Para sempre de mim desapar'ceu.

Tudo em redor então escureceu,
E foi longínqua toda a claridade!
Ceguei,... tateio sombras... Que ansiedade!
Apalpo cinzas porque tudo ardeu!

Descem em mim poentes de Novembro...
A sombra dos meus olhos, a escurecer...
Veste de rôxo e negro os crisantemos...

E dêsse que era meu já me não lembro...
Ah, a dôce agonia de esquecer
A lembrar doidamente o que esquecemos!...

LOUCURA

Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada
Pavorosa! Não sei onde era dantes.
Meu solar, meus palácios, meus mirantes!
Não sei de nada, Deus, não sei de nada!...

Passa em tropel febril a cavalgada
Das paixões e loucuras triunfantes!
Rasgam-se as sêdas, quebram-se os diamantes!
Não tenho nada, Deus, não tenho nada!...

Pesadelos de insónia, ébrios de anseio!
Loucura a esboçar-se, a enegrecer
Cada vez mais as trevas do meu seio!

Ó pavoroso mal de ser sósinha!
Ó pavoroso e atroz mal de trazer
Tantas almas a rir dentro da minha!

DEIXAE ENTRAR A MORTE

Deixae entrar a Morte, a Iluminada,
A que vem para mim, p'ra me levar.
Abri todas as portas par em par
Como asas a bater em revoada.

Que sou eu neste mundo? A desherdada,
A que prendeu nas mãos todo o luar,
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar
E que, ao abri-las, não encontrou nada!

Ó Mãe! Ó minha Mãe, p'ra que nasceste ?
Entre agonias e em dôres tamanhas
P'ra que foi, dize lá, que me trouxeste

Dentro de ti?... P'ra que eu tivesse sido
Sómente o fruto amargo das entranhas
Dum lírio que em má hora foi nascido!...

À MORTE

Morte, minha Senhora Dona Morte,
Tão bom que deve ser o teu abraço!
Languido e dôce como um dôce laço
E como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte
Tua mão que nos guia passo a passo,
Em ti, dentro de ti, no teu regaço
Não há triste destino nem má sorte.

Dona Morte dos dedos de veludo,
Fecha-me os olhos que já viram tudo!
Prende-me as asas que voaram tanto!

Vim da Moirama, sou filha de rei,
Má fada me encantou e aqui fiquei
À tua espera, . . . quebra-me o encanto!

INDICE

	Pág.		Pág.
Charneca em flor . . .	7	Nostalgia	31
Versos de orgulho . . .	8	Ambiciosa	32
Rústica	9	Crucificada	33
Realidade	10	Espera	34
Conto de fadas	11	Interrogação	35
A um moribundo . . .	12	Volúpia	36
Eu	13	Filtro	37
Passeio ao campo . . .	14	Mais alto	38
Tarde no mar	15	Nervos doiro	39
Se tu viesses ver-me . . .	16	A voz da tília	40
Mistério	17	Não ser	41
O meu condão	18	?	42
As minhas mãos	19	In Memoriam	43
Noitinha	20	Árvores do Alentejo	44
Lembrança	21	Quem sabe?	45
A nossa casa	22	A minha piedade	46
Mendiga	23	Sou eu!	47
Supremo enleio	24	Panteísmo	48
Tolêdo	25	Pobre de Cristo	49
Outonal	26	A uma rapariga	50
Ser poeta	27	Minha culpa	51
Alvorecer	28	Teus olhos	52
Mocidade	29	<i>He hum não querer mais</i>	
Amar!	30	<i>que bem querer</i>	53

RELIQUIÆ

	Pág.		Pág.
<i>Nota do Editor</i>	66	Voz que se cala	71
Evora	67	Para quê?	72
A' janela de Rezende	68	Sonho vago	73
O meu impossível	69	Primavera	74
Em vão	70	Blasfêmia	75

	Pág.		Pág.
C teu olhar.	76	Amor que morre.	86
Noite de chuva.	77	Sôbre a neve	87
Tarde de música	78	Eu não soude ninguem	88
Chopin.	79	Vão orgulho	89
O meu desejo	80	Último sonho de Sórora Saudade	90
Escrava.	81	Esquecimento	91
Divino instante.	82	Loucura	92
Silêncio!...	83	Deixai entrar a Morte.	93
O maior bem	84	A' Morte.	94
Os meus versos.	85		



